

## HUMOR EM TRADUÇÃO LITERÁRIA: OS LEGADOS BURLESCOS DE FRANÇOIS VILLON

Daniel Padilha Pacheco da Costa (UFU)  
[dppcosta@hotmail.com](mailto:dppcosta@hotmail.com)

### RESUMO

Uma das modalidades mais sofisticadas de humorvisa produzir efeito cômico a partir de jogos de palavras. Dependentes dos significados próprios a cada língua, esses jogos de palavras são frequentemente intraduzíveis. No desenvolvimento de seus dois testamentos poéticos, o poeta medieval francês François Villon explora sistematicamente essa modalidade de humor com vistas a satirizar os vícios dos legatários. Neste artigo, são discutidas as (in)traduções dos jogos de palavras presentes nos legados burlescos do “Lais” e do “Testament de Villon”, em particular no legado a seu rival amoroso – Ythier Marchant.

### Palavras-chave:

Humor. Tradição. François Villon.

### 1. *François Villon: em tradução*

O humor é explorado por diferentes gêneros discursivos, sejam eles literários, como a comédia e a sátira, ou não, como a piada e a charge. Uma das modalidades mais sofisticadas de humor visa produzir efeito cômico a partir dos jogos de palavras, como paranomásias, metáteses, anagramas, palíndromos, ironias, malapropismos, neologismos, alusões, polissemias, homofonias, homonímias, equivocidades, calemburs, palavras-valises e citações truncadas. Alguns escritores se especializaram nesses jogos de palavras como o modernista irlandês James Joyce, cujo “estilo tardio”<sup>79</sup> – representado, em particular, por seu derradeiro romance, *Finnegans Wake* (1939) – levou o trocadilho ao paroxismo.

Embora a radicalidade desse projeto não encontre rival na história literária, essa modalidade de humor pode ser encontrada em diversos autores que se especializaram em produzir facécias como, na Idade Média, os assim chamados “Grandes Retóricos” (*Grand Rhétoriciens*). A esse tradição, caracterizada por particular virtuosismo linguístico, pertence o poeta francês François Villon (1431 –?). O desenvolvimento de seus dois testamentos poéticos foi chamado de “indústria dos legados” pelo seu principal editor antigo, Clément Marot (1533). O caráter cômico latente na enunciação aparentemente grave de fórmulas jurídicas como “lego al-

---

<sup>79</sup> Ver *On late style: music and literature against the grain* (2006), de Edward Said.

go (x) a alguém (y)” eclode nas facécias e mordacidades subentendidas nos bens (x) e nomes próprios (y) dos legatários.

Se, como afirma Delia Chiaro (1992), o humor viaja mal, tanto maior é a dificuldade de tradução do efeito cômico produzido por jogos de palavras que, dependentes dos significados próprios a cada língua, são frequentemente intraduzíveis. Em “La traduction impossible: l'exemple de François Villon”, Pierre Demarolle (1996) enfatiza a impossibilidade de traduzir um poeta cujo universo cultural é tão distante. No entanto, a intraduzibilidade pode ser entendida não apenas como impossibilidade teórica – como o que não é passível de ser transposto, como afirma Eugenio Coseriu (2010) –, mas também como impossibilidade prática – como o que não cessa de (não) ser traduzido, nas palavras de Barbara Cassin (2014).

Por causa – e não apesar – de sua intraduzibilidade, as obras do poeta francês receberam, assim, diversas traduções, inclusive em português. Os testamentos de Villon possuem duas traduções integrais – por Sebastião Uchoa Leite (1987) e Vasco da Graça Moura (1997) – e duas traduções parciais em português – por Péricles Eugênio da Silva Ramos (1986) e Afonso Félix de Souza (1987). Todas essas traduções permitem, assim, abordar de perspectiva privilegiada o problema da intraduzibilidade. Dessa perspectiva, serão discutidas as traduções dos jogos de palavras presentes na indústria dos legados dos testamentos de François Villon, em particular no legado a seu rival amoroso –Ythier Marchant.

## 2. O Legado

Na estrofe XI do “Lais”, na qual é realizado um dos primeiros legados, Villon deixa a sua espada de aço agudo a Ythier Marchant e a Jean le Cornu. Ythier Marchant e Jean le Cornu eram ambos altos funcionários: Cornu é referência a corno e Marchant significa comerciante. O primeiro foi secretário do rei, e o segundo era filho de um rico conselheiro do Parlamento que trabalhou com o duque Charles de Berry e com Luís XI nas finanças públicas. Como afirma Dufournet (1965, p. 381), Ythier Marchant teria sido o amante com quem Catherine de Vauselles traiu a Villon na juventude. Isso explica o legado de sua espada ao rival, como expressão do desejo de matá-lo no exórdio do “Lais”:

Item, a maistre Ytier Merchant,  
 Auquel je me sens tres tenu,  
 Laisse mon blanc d'acier tranchant

Et a maistre Jehan le Cornu,  
Qui est en gaige detenu  
Pour ung escot sept solz montant;  
Je veul, selon le contenu,  
Qu'on leur livre en rachatant. (VILLON, 2014, p. 9)

Esse legado deixado pelo testador também sugere sua homossexualidade. Como mostrou Burger (1957, p. 40), a palavra *branc* (espada) é, no francês da época, homofônica com o termo “excremento” (*bran*), metáfora do nãovalor radical de seu legado, já que, tendo sido penhorada, a espada só pode ser resgatada por meio do pagamento de sete escudos pelos dois personagens. Como destaca na análise de sua própria tradução dessa passagem, Sebastião Uchoa Leite deslocou para o segundo verso a referência escatológica contida na palavra *branc*, cuja tradução pelo verbo obrar é utilizada como sinônimo de defecar.<sup>2</sup> O tradutor brasileiro traduziu da seguinte forma essa estrofe do “Lais”:

Igual, a Ythier Marchant,  
Em louvor de quem tenho obrado,  
Deixo espada aguda e tranchã,  
Ou a Jean le Cornu, malgrado,  
Em penhor já tenha ficado  
Por cota-parte de uma conta;  
Disponho aqui desobrigado  
Que a resgatem sem mais reconta. (VILLON, 2000, p. 67)

Embora não seja mais usual traduzir nomes próprios, Vasco da Graça Moura traduz, segundo antiga tradição portuguesa, os nomes próprios por Itier Merchante e João Cornudo. O tradutor português adota o mesmo critério para traduzir os nomes próprios de outros personagens dos testamentos de Villon, que explora sistematicamente a tópica do nome para ridicularizar e satirizar os personagens. Vasco da Graça Moura não resgata a referência escatológica contida na palavra *branc*, mas parece indicar seu sentido obsceno, aludido na tradução do terceiro verso:

Item, a mestre Ythier Marchante,  
a quem me sinto mui teúdo,

---

<sup>2</sup> Em *Jogos e enganos*, afirma: “Logo após, começa o jogo dos “legados” com um hipotético rival, Ythier Marchant, a quem deixa “mon branc d’acier tranchant”, uma tripla insinuação: *branc* é espada e é metáfora de membro viril, e ao mesmo tempo é *ébran* [sic], excremento. Insinuação: a impotência do rival. Desprezo: oferece-lhe exatamente merda. Na tradução, tentou-se a insinuação escatológica, deslocada para o 2º verso” (LEITE, 1995, p. 25).

meu ferro dou de aço cortante,  
 ou a mestre João Cornudo,  
 que de penhor dado é contudo  
 Por oito soldos de montante;  
 Pra ser entregue, é conteúdo  
 Que do resgate haja pagante.(VILLON, 1997, p. 23)

### 3. “O Testamento”

No “Testament”, Villon volta a fazer a Ythier Marchant um legado. Desta vez, deixa-lhe uma forma fixa – o *lay*, cujo refrão, dirigido à personificação da “Morte” (VILLON, 2014, p. 97), retomao desejo manifestado no *Lais* de matar seu antigo rival. A edição Levet do “Testament” traz a rubrica *rondeau*, pois a forma fixa deixada a Ythier Marchant é um rondó, “contendo dez versos” (*contenant de vers dix*), caso se exclua as duas repetições do refrão iniciado por Morte. No entanto, a suposta confusão entre as formas fixas por Villon parece ter sido proposital, já que a palavra *layé* polissêmica no francês da época, permitindo criar diversos subentendidos. Com efeito, a palavra também designa um legado, cuja caracterização “contenant de vers dix” pode ser entendida como: este legado “contendo dez vermes”, já que o termo *versé* equívoca coma palavra os “vermes” (*vers*) – os devoradores do cadáver.

A polissemia da palavra *lay* já tinha sido explorada por Villon no poema anterior, que é, inclusive, intitulado “Le Lais”. Além de legado, a palavra se refere à antiga forma narrativa de caráter oral, utilizada pela poesia cortês chamada de *lais*. Essa forma narrativa, composta desde o século XII em vernáculo anglo-normando, foi notabilizada por Marie d’Orléans. Nesse sentido, é possível entender esse legado de Villon no “Testament” como uma referência ao “Lais”, que é mencionado nos versos iniciais da estrofe, quando lembra que já tinha deixado outrora uma espada (*branc*) ao rival. Escrito depois da descoberta pelo testador da traição de sua amada com Ythier Marchant, o “Lais” constitui uma paródia dos testamentos amorosos da lírica cortês da época, em particular de *La confession et testament de l’amant trespasé de deuil*, de Pierre de Hauteville. Ao legar-lhe o poema cuja escrita foi motivada pela raiva sentida com a traição, Villon sugere que todas as injúrias nele contidas são destinadas especificamente a seu antigo rival:

Item, a maistre Ytier Merchant,  
 Auquel mon blanc laissay jadiz,  
 Donne, mais qu’il le mette en chant,  
 Ce lay contenant de vers dix,  
 Et au luz ung *De profundiz*

Pour ses anciennes amours,  
Desquelles le nom je ne diz,  
Car il me hairoit a tousjours. (VILLON, 2014, p. 95)

No “Testament”, Villon determina uma condição para que o legado do rondó seja resgatado: Ythier Marchant deve musicá-lo no alaúde, juntamente com o salmo 129 da Vulgata, intitulado “De Profundis”. Ambos devem ser musicados seus antigos amores, mas seus nomes não são revelados, pois teme despertar o ódio do rival. Realizada já no “Lais”, a insinuação da homossexualidade de Ythier Marchant é retomada no “Testament” por meio da exigência de tocar o salmo *De Profundis* “no alaúde” (*au luz*), alusão ao sexo anal (CERQUIGLINI-TOULET, 2014, p. 782). Villon deseja não apenas a morte do rival, mas também sua punição eterna pelo “pecado de sodomia”, considerada na época como crime *contra Naturam*. Sebastião Uchoa Leite assim traduz essa estrofe:

Igual, a Ythier Marchant,  
A quem doe a espada um dia,  
Deixo um legado em forma chã  
Para que verta em melodia,  
E um *De Profundis*, salmodia  
Para os seus passados amores.  
Não digo os nomes, nem podia,  
Pois viria tomar-me as dores. (VILLON, 2000, p. 191)

A tradução acima não retoma qualquer dos sentidos subentendidos na palavra *branc*, que é traduzida por espada. Essa também foi a opção de Vasco da Graça Moura e de Afonso Félix de Sousa. Ao traduzir *lay* por legado, Sebastião Uchoa Leite resgata a referência ao poema anterior de Villon – *O Legado*; além disso, ele também procura aludir ao rondó, introduzindo essa forma fixa por meio da rubrica “legado” (VILLON, 2000, p. 193). No entanto, sua tradução suprime a referência a *lay* (a forma narrativa da lírica cortês). A tradução desta estrofe por Vasco Graça Moura segue as mesmas opções para *lay* e *De profundis*, diferentemente de sua tradução por Afonso Félix de Sousa:

Item, ao mestre Ythier Marchant,  
A quem leguei a espada outrora,  
Lego, e que os musique amanhã,  
A décima que escrevo agora  
E um réquiem; que em harpa sonora  
Cante os seus amores antigos,  
Dos quais (falo e o seu ódio aflora)  
Os nomes agora não digo. (VILLON, 1987, p. 85)

O deslocamento do substantivo *lay* para o verbo *lego* lhe permite utilizar um equivalente em português para essa forma fixa: o termo técnico décima (estrofe de dez versos). A tradução do salmo “De profundis” por réquiem faz referência às diversas versões musicadas desse salmo por compositores clássicos. Essas versões integraram concertos compostos no gênero musical réquiem, que foi frequentemente utilizado em cerimônias fúnebres. Embora reforce a maldição lançada por Villon sobre Ythier Marchant no rondó dirigido à Morte, essa tradução elide a citação do salmo *De Profundis*, cujo caráter penitencial permite a Villon aludir ao crime *contra Naturam* cometido pelo antigo rival.

#### 4. *Polissemia e intraduzibilidade*

Nos dois testamentos de Villon, o primeiro legatário depois dos pais do testador são sua amada e Ythier Marchant, respectivamente. Os subentendidos presentes nos legados deixados a esses dois personagens permitem compreender o evento originário que levou à escrita do *Laise* do “Testament” – a traição sofrida pelo testador, que abandona o gênero amoroso para transformar seus testamentos em sátiras veementes. Villon explica essa traição entre sua amada e um rico funcionário através da venalidade de Catherine de Vausselles. O testador insinua que essa relação não teria sido infeliz, por causa da homossexualidade de Ythier Marchant.

As traduções integrais ou parciais em língua portuguesa dos dois poemas longos de Villon não priorizam os subentendidos burlescos, mas a rigorosa estrutura estrófica da oitava quadrada. Embora a tradução de Sebastião Uchoa Leite seja aquela que logre traduzir maior número de alusões obscenas e escatológicas escondidas nos legados burlescos ao rival do poeta, Ythier Marchant, nem mesmo aquele deixou de elidi-las. Por mais bem sucedidas que tenham sido essas tentativas de traduzir um texto constantemente definido pela sua intraduzibilidade, não cabe às traduções, mas ao leitor exaurir a enigmática trama de subentendidos disseminados na indústria dos legados dos testamentos de François Villon.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURGER, A. *Le lexique de la langue de Villon*. Genève: Droz, 1957.  
 CASSIN, B. (ed.). *Dictionary of Untranslatables: A Philosophical Lexicon*. Princeton University Press: Princeton, 2014.

CERQUIGLINI-TOULET, J. Notes: Le Testament Villon. In: VILLON, F. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 2014, p. 766-800.

CHIARO, D. (ed.). *Translation, humour and literature*. Continuum: New York, 2012. v. 1.

COSERIU, E. O falso e o verdadeiro na teoria da tradução. In: HEIDERMANN, W. (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC, 2010, p. 252-189.

DEMAROLLE, P. La traduction impossible: l'exemple de François Villon. In: ELLIS, R.; TIXIER, R. (ed.). *The Medieval Translator/Traduire au Moyen-Âge*, v. 5, Turnhout, Brepols, 1996. p. 120-129

DUFOURNET, J. Deux exemples de la méchanceté raffinée de Villon. *Romania*, v. 86, n. 343, p. 375-386, 1965.

LANGLOIS, E. *Recueil d'Arts de Seconde Rétorique*. Paris: Imprimerie nationale, 1902.

LEITE, S. U. *Jogos e enganos*. Editora 34: Rio de Janeiro, 1995.

SAID, E. *On late style: music and literature against the grain*. New York: Vintage, 2007.

VILLON, F. *Le grant testament Villon et le petit, son codicile, le jargon et ses balades*. Ed. Pierre Levet, Paris, 1489.

\_\_\_\_\_. *Les Œuvres complètes de François Villon de Paris*. Edição de Clément Marot, Paris, 1533.

\_\_\_\_\_. *Œuvres de Maistre François Villon*. Ed. J.-H.-R. Prompsault, Paris, 1835.

\_\_\_\_\_. *Œuvres Complètes*. Ed. Auguste Longnon. Paris: Librairie Alphonse Lemerre, 1892.

\_\_\_\_\_. *Œuvres*. Ed. Louis Thuasne. Paris: Auguste Picard, 1923.

\_\_\_\_\_. *Œuvres Complètes*. Ed. Auguste Longnon/Lucien Foulet. Paris: Honoré Champion, Classiques français du Moyen Âge, 1932.

\_\_\_\_\_. *Œuvres complètes*. Trad. de Jacqueline Cerquiglini-Toulet. Paris: Gallimard, 2014.

\_\_\_\_\_. *Testamento*. Trad. de Afonso Felix de Sousa. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

\_\_\_\_\_. *Poemas de François Villon*. Trad. de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Art, 1986.

\_\_\_\_\_. *Poesia*. Trad. de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Edusp, 2000 (1987).

\_\_\_\_\_. *Os Testamentos de François Villon e outras baladas mais*. Trad. de Vasco da Graça Moura. Porto: Campo das Letras, 1997.